

SUSAN SONTAG

Diários II

(1964-80)

Organização e prefácio
David Rieff

Tradução
Rubens Figueiredo



Copyright © 2012 by Espólio de Susan Sontag
Copyright do prefácio © 2012 by David Rieff
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

As consciousness is harnessed to flesh

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Angela das Neves
Marise Leal

*Deslizes da escrita e outros pequenos erros foram
corrigidos silenciosamente, em prol da clareza.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sontag, Susan, 1933-2004
Diários II : (1964-80) / Susan Sontag ; organização e prefácio
David Rieff ; tradução Rubens Figueiredo. — São Paulo : Com-
panhia das Letras, 2016.

Titulo original: As consciousness is harnessed to flesh
ISBN 978-85-359-2796-2

1. Escritores americanos – Século 20 – Diários 2. Sontag, Susan,
1933-2004 – Anotações, rascunhos etc. I. Rieff, David II. Título.

16-06334 CDD-818.5409

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritoras norte-americanas : Diários 818.5409

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio de David Rieff, 7

Diários II, 15

Prefácio

Nos primeiros anos da década de 1990, minha mãe se entretive de maneira fortuita com a ideia de escrever uma autobiografia. Como se tratava de uma pessoa que preferia sempre escrever diretamente o mínimo possível sobre si mesma, aquilo me surpreendeu. “Escrever a respeito de mim mesma, acima de tudo”, disse ela certa vez a um entrevistador da *Boston Review*, “parece-me antes um caminho indireto para tratar daquilo sobre o que desejo escrever [...]. Nunca estive convencida de que meus gostos, meus êxitos e insucessos tenham algum caráter exemplar.”

Minha mãe disse isso em 1975, quando ainda estava submetida a um cruel regime de quimioterapia que os médicos contavam que fosse lhe garantir um longo período de alívio, mas na verdade, pelo menos um deles me falou na ocasião, não acreditavam nisso, muito menos que fosse curar o câncer de mama metastático, fase 4, diagnosticado no ano anterior (ainda era o tempo em que os familiares dos doentes recebiam mais informações do que os próprios pacientes). De modo característico, quando pôde escrever novamente, ela decidiu redigir uma série de ensaios para *The New*

York Review of Books, mais tarde publicados em forma de livro com o título *Sobre fotografia*. Ela não só se encontra inteiramente ausente dessa obra, em qualquer sentido autobiográfico, como mal aparece em *Doença como metáfora*, volume que por certo jamais teria escrito não fosse sua experiência pessoal da estigmatização que advinha do câncer naquele tempo e, embora atenuado, sobrevive ainda hoje, em geral na forma de autoestigmatização.

Só consigo pensar em quatro ocasiões em que ela se mostrou francamente autobiográfica como escritora. A primeira, em seu conto “Projeto de uma viagem à China”, publicado em 1973 às vésperas de sua primeira visita ao país. Em larga medida, o conto constitui uma meditação sobre sua própria infância e sobre seu pai, um homem de negócios que passou na China a maior parte da vida adulta, tristemente breve, e que morreu lá quando minha mãe (que jamais acompanhava os pais à concessão britânica hoje chamada de Tianjin, pois ficava em Nova York e em Nova Jersey, sob os cuidados de parentes e de sua babá) tinha quatro anos. A segunda é o conto “Passeio sem guia”, publicado na *New Yorker* em 1977. A terceira é “Peregrinação”, publicado em 1987, também na *New Yorker*. São as memórias de uma visita que fez, quando adolescente, em Los Angeles, em 1947, a Thomas Mann, na época exilado em Pacific Palisades. Mas “Peregrinação” é, antes de tudo, um exercício de admiração pelo escritor que minha mãe então gostava mais que de qualquer outro; de forma característica, o autorretrato aparece num breve segundo. Como ela escreveu, foi o encontro de “uma criança envergonhada, fervorosa e inebriada de literatura, com um deus no exílio”. Por último, há passagens autobiográficas no fim do terceiro romance de minha mãe, *O amante do vulcão*, publicado em 1992, em que ela fala diretamente, e de um modo que nunca fez nem nas obras publicadas nem nas entrevistas, sobre ser mulher, além de alguns relances de recordações de infância em seu último romance, *Na América*, publicado em 2000.

“Minha vida é meu capital, o capital de minha imaginação”, disse ela ao mesmo entrevistador da *Boston Review*, acrescentando que gostava de “colonizá-la”. Foi um modo de se exprimir curioso e nada típico de minha mãe, que mantinha profundo desinteresse por dinheiro e que nunca usou uma metáfora financeira em conversas particulares, até onde posso lembrar. No entanto, me parece também uma descrição inteiramente precisa de sua maneira de ser escritora. Também foi por isso que fiquei tão surpreso que ela tivesse ao menos cogitado escrever uma autobiografia, o que para ela, prosseguindo nas analogias capitalistas, não significaria viver dos frutos, das rendas do capital de alguém, mas sim afundar-se nele — o máximo da insensatez, seja o capital em questão dinheiro, seja material para romances, contos e ensaios.

No fim, a ideia não deu em nada. Minha mãe escreveu *O amante do vulcão* e, ao fazê-lo, sentiu que tinha voltado a ser uma romancista, o que fora sua ambição mesmo quando escrevia seus melhores ensaios. O sucesso do livro trouxe uma confiança que ela própria admitia lhe faltar desde que seu segundo romance, *Death Kit*, foi publicado, em 1967, e recebeu resenhas bastante dúbias, que a decepcionaram amargamente. E após *O amante do vulcão* veio o longo comprometimento de minha mãe com a Bósnia e com a Sarajevo sitiada — no final, uma paixão devastadora para ela. Depois disso, voltou à ficção, sem fazer mais nenhuma referência, até onde sei, a algum livro de memórias.

Em meus momentos mais extravagantes, às vezes penso que os diários de minha mãe, dos quais este é o segundo de três volumes, são não apenas a autobiografia que ela nunca chegou a escrever (caso o tivesse feito, imagino algo literário e episódico ao extremo, um primo de *Consciência à flor da pele*, de John Updike, livro que ela admirava imensamente), mas também o grande romance autobiográfico que ela nunca se deu ao trabalho de escrever. Persistindo na fantasia, seguindo os passos de sua trajetória

convencional, o primeiro volume dos diários seria o *Bildungsroman*, o romance de formação — seu *Buddenbrook*, para citar a grande obra de Mann, ou, num plano literário inferior, seu *Martin Eden*, romance de Jack London que minha mãe leu quando adolescente e do qual falou com carinho até o fim da vida. Este presente volume, que optei por intitular *As Consciousness is Harnessed to Flesh* [*A consciência atrelada à carne*, título original], expressão colhida numa das entradas do diário, seria o romance da vida adulta vigorosa e de sucesso. Sobre o terceiro e último volume, por ora não falarei.

O problema dessa explicação é que minha mãe, segundo sua própria confissão orgulhosa e entusiasta, foi durante a vida inteira uma aluna. Claro, no primeiro volume, a muito jovem Susan Sontag estava, de modo perfeitamente consciente, criando, ou melhor, recriando a si mesma como a pessoa que desejava ser, distante do mundo em que havia nascido e crescido. Este volume não envolve a partida física do Arizona e da Los Angeles de sua infância rumo à Universidade de Chicago, Paris, Nova York e à realização (enfaticamente não à felicidade, que é algo de todo distinto e, receio, nunca foi uma fonte da qual minha mãe se mostrou capaz de beber a fundo). Mas o grande sucesso como escritora que minha mãe relata neste volume, a companhia de escritores, artistas e intelectuais de todos os matizes e convicções — de Lionel Trilling a Paul Bowles, de Jasper Johns a Joseph Brodsky, de Peter Brook e György Konrád — e a capacidade de viajar para toda parte, quase que ao sabor de sua vontade, o que fora seu sonho mais acalentado na infância, não diminuíram em nada a aluna que ela era. De fato, fizeram dela mais ainda uma aluna.

Para mim, uma das coisas mais impressionantes neste volume é a maneira como minha mãe se movimenta entre mundos distintos. Algo disso tem a ver com sua profunda ambivalência e com as contradições em seu pensamento, que para mim, longe de

diminuí-lo, a rigor o tornam ainda mais profundo, mais interessante e, em última instância, muito resistente à... bem, à interpretação. Porém, um elemento mais importante, creio, é que, embora minha mãe não fosse exatamente conhecida por suportar tolos com alegria (e sua definição de tolo era, para dizer o mínimo, ecumênica), com as pessoas que realmente admirava ela se tornava não a professora que tanto gostava de ser boa parte do tempo, mas sim a aluna. É por isso que, para mim, as partes mais fortes deste volume são seus exercícios de admiração — de muita gente, mas talvez de modo mais tocante, e de maneiras muito variadas, de Jasper Johns e Joseph Brodsky. Ler essas passagens, de fato, permite compreender melhor os ensaios de minha mãe — penso em especial naqueles sobre Walter Benjamin, Roland Barthes e Elias Canetti —, que foram em si mesmos, e antes de tudo, gestos de homenagem.

Gosto de pensar que este volume pode também ser chamado, com justiça, de um *Bildungsroman* político, precisamente no sentido de uma formação pessoal, sua chegada à maturidade. Nas partes iniciais do livro, minha mãe está, ao mesmo tempo, indignada e arrasada com as tolices da guerra americana no Vietnã, contra a qual se tornou uma ativista de destaque. Acho que até ela, em retrospecto, teria estremecido diante de certas afirmações que fez em suas visitas a Hanói durante os bombardeios dos Estados Unidos. Eu as mantive sem hesitação, como mantive, aliás, muitas outras entradas sobre diversos temas que me causam preocupação por ela, ou causam dor a mim mesmo. No que concerne ao Vietnã, só vou acrescentar que os horrores da guerra que a levaram a uma posição extremada foram tudo menos frutos de sua imaginação. Ela pode ter sido pouco sensata, mas a guerra foi realmente a monstruosidade indescritível que ela pensava ser, na época.

Minha mãe nunca desmentiu sua oposição à guerra. Mas de fato se arrependeu e, ao contrário de muitos de seus pares (serei

discreto aqui, mas o leitor perspicaz saberá a quais escritores americanos da geração de minha mãe eu me refiro), se retratou publicamente de sua crença nas possibilidades emancipadoras do comunismo, não só em suas encarnações soviética, chinesa ou cubana, mas como um sistema. Não posso dizer com certeza se ela teria passado por tal mudança, de mente e coração, não fosse o profundo relacionamento com Joseph Brodsky — talvez a única relação sentimental de iguais que ela teve em toda a vida. A importância de Brodsky para ela, a despeito do afastamento dos dois no último período da vida dele, não pode ser exagerada, tanto no aspecto estético quanto no político ou humano. Em seu leito de morte no Memorial Hospital em Nova York, no penúltimo dia de sua vida, enquanto ofegava em busca de ar, em busca de vida, e enquanto as manchetes estavam repletas de tsunamis asiáticos, ela só falou de duas pessoas — sua mãe e Joseph Brodsky. Para parafrasear Byron, o coração dele foi o tribunal dela.

O coração de minha mãe foi partido muitas vezes, e boa parte deste volume é a elaboração da perda romântica. Em certo sentido, significa que o livro dá uma impressão falsa da vida de minha mãe, pois ela tendia a escrever mais em seus diários quando estava infeliz, sobretudo quando estava amargamente infeliz, e menos quando estava bem. No entanto, embora as proporções possam não estar corretas, creio que sua infelicidade no amor era parte dela tanto quanto o profundo sentimento de realização que sua escrita lhe proporcionava, bem como a paixão que ela levava para sua vida como aluna perpétua, sobretudo quando não estava escrevendo, uma espécie de leitora ideal da grande literatura e apreciadora ideal da grande arte, uma espectadora ideal do grande teatro, cinema e música. E assim, fiéis a ela mesma, ou seja, à vida dela tal como a vivia, os diários passam da perda à erudição e depois retornam. Que essa não fosse a vida que eu desejaria para ela não faz nenhuma diferença.

* * *

Minha organização deste volume dos diários de minha mãe foi imensamente aprimorada pela generosa boa vontade de Robert Walsh ao rever os originais. Ao fazê-lo, encontrou grande número de erros e lacunas no rascunho.

A responsabilidade pelos erros remanescentes, claro, é só minha e de mais ninguém.

David Rieff

DIÁRIOS II

1964

5/5/64

A mão direita = a mão que é agressiva, a mão que masturba. Portanto, preferir a mão esquerda!... Romantizar, sentimentalizar!

•

Sou a Linha Maginot de Irene [*a dramaturga cubano-americana María Irene Fornés — amante de SS por um tempo, em Paris, em 1957, e depois sua companheira em Nova York entre 1959 e 1963*].

A própria “vida” dela depende de me rejeitar, de manter distância de mim.

Tudo foi depositado sobre mim. Eu sou o bode expiatório.

[*Esta entrada é enfatizada por um traço vertical na margem:*]

Enquanto ela está ocupada em me manter à distância, não tem de encarar a si mesma, seus próprios problemas.

Não consigo convencê-la — persuadi-la — com a razão — de que não é assim.

Tampouco ela podia me convencer — quando vivíamos juntas — a não precisar dela, se apegar a ela, depender dela.

•

Agora, não há nada para mim nisso — nenhuma alegria, só sofrimento. Por que ainda insisto?

Porque não comprehendo. Não aceito *mesmo* a mudança ocorrida em Irene. Acho que posso fazê-la voltar atrás — explicando, demonstrando que sou boa para ela.

Mas para ela é indispensável me rejeitar — assim como tem sido indispensável para mim me apegar a ela.

•

“O que não me mata me torna mais forte.” [*paráphrase de Goethe*]

Não existe nenhum amor, nenhuma caridade, nenhuma ternura por mim em Irene. Para mim, comigo, ela se torna cruel e rasa.

O laço simbólico foi rompido. Ela o jogou fora.

Agora, ela só apresenta “contas”. Inez, Joan, Carlos!

Eu feri seu ego, diz ela. Eu e Alfred [*o escritor americano Alfred Chester*].

(O ego inflado, frágil.)

E nenhum arrependimento, nenhum pedido de desculpa, nenhuma mudança no que era verdadeiramente nocivo em meu comportamento irá apaziguá-la, ou curá-la.

Lembre como ela recebeu a “revelação” no New Yorker [*um cinema em Manhattan que exibia filmes estrangeiros e antigos, aonde SS ia várias vezes por semana na década de 1960*], duas semanas atrás!

“Sou um muro de pedra”, diz ela. “Uma rocha.” É verdade.

Não existe nela nenhuma sensibilidade, nenhum perdão. Para mim, só dureza. Surdez. Silêncio. Mesmo um grunhido de concordância a “violenta”.

Rejeitar-me é a concha que Irene constrói em torno de si mesma. O “muro” protetor.

•

— Por que não amamentei David:

Mamãe não me amamentou. (Eu me vinguei fazendo o mesmo com David — está certo, faço isso com meu próprio filho.)

Meu nascimento foi difícil, causei muita dor à M[amãe]; ela não me amamentou; ficou de cama por um mês depois do parto.

David era grande (como eu) — muita dor. Eu queria ser no-cauteada, não saber de nada; *nunca me ocorreu* amamentá-lo; fiquei de cama por um mês depois do parto.

...

Amar = a sensação de ser, numa forma intensa
Como oxigênio puro (em contraste com o ar)

•

Henry James —

Tudo se baseava numa estilização particular da consciência.
Eu & Mundo (dinheiro) — nenhuma consciência do corpo,
entre muitas maneiras de estar-no-mundo que ele omite.

•

Biografia de Edith Wharton. Sensibilidade banal coroada, periodicamente, por conclusão forte inteligente. Mas a inteligência dela não transforma os fatos — isto é, desvela sua complexidade. Apenas sobrevém no relato banal dos fatos.

•

...

5/8/64

Ansiedade ontológica, “*Weltangst*”. O vazio do mundo — ou o desmoronamento, esfacelamento. Pessoas são bonecos infláveis de ar. Tenho medo.

“A dádiva” significa para mim: não vou comprar isso para mim mesma (é bonito, um luxo, não necessário), mas compro para você. Negação do eu.

Existem pessoas no mundo.

Um aperto no peito, lágrimas, um grito que dá a sensação de que seria infinito se eu o soltasse.

Tenho de ir embora por um ano.

6/8/64

Dizer um sentimento, uma impressão, é diminuí-la — pôr para fora.

Mas às vezes sentimentos são fortes demais: paixões, obsessões. Como amor romântico. Ou dor. Então é preciso falar, senão a pessoa estoura.

•

O desejo de consolo. E, igualmente, de ser consolada. (A ânsia de perguntar se ainda sou amada; e a ânsia de dizer: amo você,

com a vaga sensação de que a outra pessoa se esqueceu disso desde a última vez que falei.)

“*Quelle connerie*” [*Que idiotice*]

•

Eu valorizava competência profissional + força, penso (desde os quatro anos?) que isso era, pelo menos, mais alcançável do que ser atraente “apenas como pessoa”.

•

Não consigo me desvencilhar de minha obsessão por I[rene] — meu sofrimento, meu desespero, meu amor — com outro amor. Não sou, agora, capaz de amar ninguém. Estou sendo “fiel”.

Mas a obsessão tem de ser drenada, de algum modo. Tenho de forçar uma parte dessa energia a tomar outra direção.

Se eu pudesse começar outro romance...

•

Da mamãe, aprendi: “amo você” significa “não amo mais ninguém”. A mulher medonha estava sempre desafiando meus sentimentos, me dizendo que eu a fazia infeliz, que eu era “fria”.

Como se filhos devessem aos pais amor + satisfação! Não devem. Embora os pais devam tais coisas aos filhos — exatamente como o cuidado físico.

•

Da mamãe: “Amo você. Olhe. Estou infeliz”.

Ela me dava a sensação: Felicidade é infidelidade.

Ela ocultava sua felicidade, me desafiava a fazê-la feliz — se eu fosse capaz.

Terapia é descondicionamento [*a terapeuta de SS, na época, Diana*] (Kemeny)

•

O cabelo verde — cinzento — de Mary McCarthy — a roupa estampada azul + vermelha de moda popular. Fofoca de clube de mulheres. Ela é [*seu romance*] *O grupo*. Ela é boa com o marido.

•

Medo de o outro ir embora: medo do abandono

Medo de *eu* ir embora: medo da retaliação por parte do outro (*também* do abandono — mas como vingança da rejeição de ter ido embora).

8/8/64

Tenho um alcance maior como ser humano do que como escritora. (Com certos escritores, ocorre o oposto.) Só uma fração de mim é passível de ser transformada em arte.

•

Um milagre é só um acidente, com ciladas caprichosas.

Mudança — vida — vem por meio de acidentes.

•

Minha fidelidade ao passado — meu traço mais perigoso, aquele que me custou mais.

•

Autorrespeito. Isso me tornaria adorável. E é o segredo do sexo bom.

•

As melhores coisas em sw [*a filósofa Simone Weil*] são sobre a atenção. Contra ambos, a vontade + o imperativo categórico.

•

Nunca se pode pedir a alguém que mude um sentimento.

•

18/8/64 Londres

“Diversidade de Uniformidades cria a completa Beleza.” — Sir Christopher Wren

Buster Keaton: Inocente com uma lobotomia frontal

[*Descrição do romancista americano James Jones:*] Ombros que saem das orelhas

Ectoplasma é fluido seminal (deslocado) — médiuns do século XIX são sintoma aberrante do despertar da sexualidade feminina “moderna”

cf. *Os bostonianos [de Henry James]*, livro de Padmore

“A psicologia e a fisiologia do ‘instante’”

Mary McCarthy é capaz de fazer tudo com seu sorriso; até sorrir.

•

Uma mulher com um dano cerebral que — mesmo quando já bastante recuperada — não consegue acompanhar um filme.

Os Beatles, sua quaternidade.

Moluscos úmidos de meninas de doze anos.

Dexamyls [*uma forma de anfetamina de que SS se tornou dependente para escrever em meados da década de 1960 e que usou até o início da década de 1980, ainda que em doses decrescentes*] são chamadas, na Inglaterra, “Purple Hearts” (são púrpura, e não verdes [*como nos Estados Unidos*]) — a garotada toma vinte de uma só vez, com Coca-Cola... Depois (hora do almoço) enfiar-se numa “caverna” (ninguém com mais de 21 anos pode entrar) e [*dançar o*] Watusi

•

Hemingway escreveu uma paródia de *Winesburg, Ohio*, de Sherwood Anderson; é seu segundo romance, *As torrentes da primavera* (1926), imediatamente anterior a *O sol também se levanta*.

•

Arnold Geulincx (1624-69), o filósofo belga — seguidor de Descartes — [Samuel] Beckett, quando estudante, leu esse autor — [Geulincx] sustenta que um homem razoável nunca é livre, exceto dentro da própria mente — não desperdiça energia tentando controlar o corpo no mundo exterior.

•

Adjetivos:

Pontilhado (Pontuado?)

Simiesco Magenta

Impudente Astuto

Berrante Glotal

Lacônico Enervado

Estupefato Cerúleo

Granuloso Robusto

Quebradiço Vívido

Séptico Débil

Lascivo Ogival

Aporético

Sucinto Dentuço

Espumoso Fluente

...